

Alargamento de praias de SC avança; estudo aponta danos

Alargamento de praias avança em SC e estudo aponta danos ao ambiente

Segundo pesquisadores locais, engordas de faixa de areia como a que teve início na semana passada em Jurerê, têm vida útil curta e podem prejudicar a biodiversidade

RAISA TOLEDO

O alargamento de praias é feito em vários pontos do litoral do País, mas Santa Catarina viu referir esse tipo de intervenção...

A prefeitura de Florianópolis destaca que a fase de análise dos impactos socioambientais dura mais do que a própria obra...

A MAIOR ENGORDA. A obra em Jurerê prevê aumentar a faixa de areia em 2,38 km² a maior engorda já feita na cidade...

Em outubro de 2023, um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) assinou nota técnica em que defende reaver o uso dessa engenharia no litoral...

A ameaça à atividade pesqueira também é uma preocupação de parte dos especialistas. Para os pesquisadores da



Alargamento em Jurerê: prefeitura de Florianópolis diz que há estudo de impacto antes da execução

UFSC, obras desse tipo devem ter exigências de intervenção de grande porte.

“É dragado o fundo marinho, que tem uma biodiversidade que a gente desconhece. É uma série de poluentes, distos de algas que fazem mares vermelhas ou algas nocivas”, diz Paulo Horta Junior, pesquisador do Laboratório de Fisiologia (de estudo das algas) da

Maré vermelha é um fenômeno causado pela proliferação excessiva de algas, sobretudo de espécies tóxicas. Nesta semana, mais de 200 pessoas buscaram atendimento médico em Alagoas e Pernambuco com suspeita de intoxicação após terem contato com algas em um episódio desse tipo.

SIMPLICIDADE ATRAENTE. A simplicidade relativa dos alargamentos os torna atraentes. É uma obra menos complexa, por exemplo, que construir estruturas de pedras, projetadas para reter a areia movimentada pelas marés.

Como mostrou o Estádio, cidades litorâneas têm apostado em estratégias diversas para conter o avanço das ondas fortes, como muros de pedra e barreiras submersas. Especialistas afirmam que, com o aquecimento global, haverá alta do nível do mar e ressacas mais frequentes e severas.

A nota técnica dos pesquisadores da UFSC ressalta que o alargamento não mira as cau-

“É dragado o fundo marinho, que tem uma biodiversidade que a gente desconhece. É uma série de poluentes, distos de algas que fazem mares vermelhas”

Paulo Horta Junior Pesquisador da UFSC

sas da erosão. Isso, segundo Pagliosa, encurta a vida útil e diminui a eficácia dos projetos. “Será que queremos produzir uma praia artificial constantemente?”, questiona.

Uma alternativa, sugerem os estudiosos, é a transferência progressiva de construções próximas à praia para áreas mais distantes e elevadas, combinada com a restauração do ecossistema para proteger a costa — e recuperar a restinga, vegetação ao longo do litoral.

“A remoção das estruturas da região próxima pode ser muito mais efetiva do que tentar dominar a natureza, que é a ideia do aterro”, pondera o pro-

fessor. Muitas das orlas, porém, já são ocupadas, inclusive por condomínios ou edifícios de alto padrão, o que dificulta o esvaziamento das áreas.

Em Balneário Camboriú, uma das mais badaladas do Sul do País, a Praia Central teve a faixa de areia alargada em 2021, de 25 para 70 m. Antes, com o estreitamento do local, os prédios faziam sombra na orla, o que reduzia o tempo que banhistas podiam desfrutar do sol. Após a intervenção, o aparecimento de um degrau íngreme na praia incomodou banhistas. À época, a prefeitura atribuiu o problema às fortes ressacas e disse que o projeto já previa eventuais reposições de areia. Mais tarde, a cidade recorreu a geólogos para conter o problema. Procurada novamente para comentar a obra, a prefeitura não se posicionou até a noite de ontem.

Um dos primeiros alargamentos de praia do Brasil foi em Copacabana, no Rio, que passou pela engorda entre 1969 e 1970. Com a mudança, estima-se que a faixa de areia foi de 55 para 140 metros.

ANÁLISE TÉCNICA. A prefeitura de Florianópolis, em nota, afirma que, antes de iniciar uma obra desse porte, há estudos de engenharia, sociais e ambientais e, após a licença ambiental, há condicionantes para mitigar o impacto. “Tanto que o tempo de estudo é maior do que o de execução da

obra”, informa. “O grão de areia utilizado na obra é exatamente da mesma gramatura do grão original.”

Durante a obra, diz a administração municipal, há equipes de biólogos que monitoram a possível presença de animais marinhos para não haver acidentes. Ainda de acordo com a prefeitura, Ingleses e Canasvieiras têm “sido bem aproveitadas por turistas e moradores sem qualquer impacto negativo”. Em Jurerê, o alargamento da praia também era reivindicado pela associação de moradores. Para Canasvieiras, a prefeitura afirma que já planeja manutenção da engorda realizada.

A erosão é ainda uma preocupação econômica, já que vêm do turismo cerca de 30% da receita do município. “Sem faixa de areia, essas três praias, as mais movimentadas da ilha, deixariam de existir pelo avanço da maré”, aponta a prefeitura. “O impacto seria em todas as esteras, incluindo dezenas de pescadores cujo os ranchos estão na orla e que dependem da pesca para seu sustento.”

AREIA DRAGADA. Na pequena Itapoá, a 250 km de Florianópolis, o alargamento da praia terá o reuso da areia dragada do canal de acesso ao complexo portuário da região norte do Estado. A retirada de sedimentos será feita para possibilitar a passagem de embarcações maiores, de até 366 m.

De acordo com o secretário de Meio Ambiente de Itapoá, Rafael Brito, o reaproveitamento de sedimentos é comum no exterior. “As jazidas de aproveitamento são práticas bem estabelecidas em países da Europa, na Austrália e nos Estados Unidos.”

Para Brito, que é geógrafo, apesar dos possíveis problemas, a alimentação artificial é a “única forma de se restabelecer condição mais próxima do natural”.

Após a reutilização dos sedimentos, são previstos o plantio de vegetação de restinga e a recomposição das dunas frontais. Brito admite ser difícil prever qual será a vida útil da engorda, cujos trechos variam entre 36 e 100 m de largura. “Trata-se de uma força da natureza que não se controla.”

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: MetrÓpole Caderno: A Pagina: 18